

Maternidade(s)

Antes do nome

Penso que a pauta Maternidade(s) surgiu para mim antes mesmo da idade escolar.

Era uma experiência que desejava viver.

Nas brincadeiras havia sempre duas filhas, minhas bonecas favoritas.

O nome de uma era Audrey.

Conheci uma menina com esse nome uma vez, na festa de aniversário de um primo.

Nossa, era uma criança belíssima, parecia um anjinho.

E o vestido parecia saído dos contos de fada, uma verdadeira princesa.

Pois bem, a configuração sempre era a mesma: uma mãe e duas filhas.

Com o passar do tempo, a brincadeira foi ficando mais elaborada: uma mãe, duas filhas, um trabalho.

Mês após mês, a imaginação ganhava novos elementos.

A mãe das duas meninas também estudava, saía para o trabalho, vestida de forma elegante, no próprio carro.

Pouco a pouco fui descobrindo, principalmente por informações vindas de primas mais velhas ou por amiguinhas mais bem informadas, que para existir um filho precisava de um garoto.

E que para além da entrada daquele garoto na equação, era necessário beijá-lo na boca para que o bebê, de alguma maneira, se materializasse.

Fiquei mortificada.

Estava na época do clube do Bolinha versus clube da Luluzinha.

Por um breve instante, desisti do meu projeto Maternidade(s).

Frustrada com a impossibilidade de execução do plano, comecei um apurado processo de observação das famílias ao meu redor.

Questionei minha mãe sobre o titio, chamávamos assim.

Era o irmão mais novo da minha avó materna, criado por ela, nomeado de filho e, conseqüentemente, irmão da minha mãe.

Porém, ele não era seu filho biológico.

Depois levei a mesma pergunta ao meu pai.

No caso dele, eram quatro manos, filhos de outra mãe.

Concluí que meu plano era perfeitamente possível.

Seria mãe de duas filhas sem marido.

Talvez, lá atrás, sem saber o nome ou o conceito, eu já intuísse que existiam outras formas de maternar.

Ele queria um time de futsal

Os anos passaram.

Descobri o processo natural da concepção, a importância das relações afetivas, da parceria de vida.

Mas, ainda assim, mantinha-me convicta de que seria mãe.

A forma como isso aconteceria nunca foi o mais importante.

Logo cedo, a vida me surpreendeu com alguém que descobria, aos poucos, que gostaria de ter ao meu lado.

Veio o pedido.

Aceitei o namoro.

Incrédula, no início, confesso.

Éramos amigos antes de namorar.

E, como amiga confidente, conhecia a sujeira debaixo do tapete dele.

Mas ele também conhecia a minha.

Como empatamos, começamos a nos relacionar.

Talvez, antes mesmo do namoro, ele já soubesse que eu seria mãe e que a maternidade biológica nunca esteve no centro do meu desejo.

Ele também dizia que queria ser pai de quatro filhos, para ter um time de futsal.

Eu sorria com o devaneio daquele adolescente, jovem adulto.

Porém, tais definições não precisavam ser feitas naquele instante.

O que mais importava era que o plano, em essência, convergia e que desejávamos permanecer um na vida do outro.

Nem duas, nem quatro, três

A ideia do casamento veio.

Avisei:

— Terá que pedir ao meu pai.

Ele aceitou.

Lembro da ocasião.

Pedi que minha madraستا não recebesse visitas naquele dia.

Precisávamos conversar sério com o pai.

Na época, eu já morava sozinha.

Visitava minha família apenas nos finais de semana.

Meu pai é um homem grande.

Tem 1 metro e 85 centímetros de altura.

Forte.

Voz grossa.

O clássico bagual sulista.

Naquele dia, parecia estar ainda mais imponente.

Ou talvez fôssemos nós dois que estávamos menores.

Meu noivo fez o pedido.

A voz um tanto trêmula.

Ainda assim, saiu-se muito bem.

Houve uma pausa.

Meu pai tem um ritmo manso de fala.

Talvez o meu tenha vindo dele.

— Permito.

Mas nada de separar daqui a dois anos.

Concordamos de pronto.

Casamos.

Um ano depois, engravidei.

Caí no conto da tabelinha.

Achamos graça até hoje.

A junção da inexperiência de um lado e da vontade de ser vovó, do outro.

Resultado?

Meu primeiro filho.

O final da gestação não foi muito tranquilo.

Tive uma perda prematura de líquido amniótico.

Foi necessária uma cesariana antes do previsto.

Durante a cirurgia, ainda jovem e com boa saúde, uma hemorragia.

Um grande susto.

Meu esposo foi retirado às pressas da sala, com nosso filhinho nos braços.

A equipe precisava correr.

Eu me sentia fraca.

Um sono irresistível.

Não ouvia mais a equipe.

Já não enxergava a enorme luz sobre o meu corpo.

Nem a sombra do meu esposo, à direita, segurando nosso bebê.

Voltei.

Pelo chamamento da minha obstetra.

— Baixinha, fala comigo.

Vamos acordar.

Está tudo bem.

Sua mão balançava levemente meu ombro direito.

Ela repetia.

E repetia.

— Está tudo bem.

Mas seu olhar era nervoso.

Assustado.

Pouco a pouco, fui tomando pé da situação.

Houve uma intercorrência.

Consegui sair dela.

Ou me tiraram.

Ou ainda não era a minha hora.

Hoje brinco que, naquela ocasião, encontrei a luz.

Ou vi a luz.

Mas, na verdade, fiquei com medo.

Por alguns anos, esse medo do que poderia ter sido me acompanhou.

Medo de não ver meu filho crescer.

Do coitadinho ser criado sem mãe.

Do marido, tão jovem, inaugurando a paternidade pela viuvez.

Uma segunda gestação saiu dos planos.

Mas queríamos mais filhos.

Revisitamos o desejo da adoção.

Preenchemos os papéis.

E demos início à gestação emocional mais longa de todas.

Um presente que chega de várias formas

Li muitas histórias infantis.

Nelas, os bebês chegam de cegonhas.

Broto de repolho.

Na vida real, costumamos buscar nossas crias no ambiente hospitalar, após uma longa espera de nove meses.

A ideia ganha matéria.

O bebê imaginado se faz real.

Por vezes, nos vemos nos olhos, no nariz, na boca da pequena pessoa.

Outras vezes, encontramos o dedo do pai, a testa da avó.

Isso aconteceu com o meu segundo filho.

Diferente da primeira gestação, a segunda foi planejada.

Tivemos medo.

Eu tive muito medo.

Principalmente de morrer no parto.

Fato que, claramente, não aconteceu.

Tudo ocorreu bem.

Nosso segundo meninão tinha 54 centímetros e pesava 3 quilos e 810 gramas.

Gestação excelente.

Parto também cesariano.

Inicialmente, fiquei contrariada.

Gostaria que fosse natural.

Mas, quando o vi, fiquei aliviada pela cesariana.

Meus filhos cresciam bem.

Felizes.

Saudáveis.

Sapecas.

Mas, vez por outra, questionavam:

— E a mana? Quando vai chegar?

Está demorando muito.

De fato, haviam se passado oito anos.

Montei um enxoval durante esse período.

Cuidadosamente guardado.

Retirei-o do alcance dos olhos.

Sentia-me triste ao ver aqueles vestidinhos vazios, sem um corpinho para vesti-los.

Um dia, impelida por uma mistura de resignação, frustração e raiva — talvez tudo ao mesmo tempo — enchi o porta-malas do carro.

Levei o enxoval até uma conhecida, diretora de uma escola pública do meu bairro.

Contei parte da história.

Perguntei se ela poderia distribuir aquelas peças a bebês que pudessem vestir aqueles sonhos.

Ela compreendeu.

Pouco tempo depois...

Um mês.

Dois, talvez.

A ligação.

— Oi, Débora. É a assistente social...

Sua filha chegou.

Meu coração parou.

Também acelerou.

Seria possível tal experiência cardíaca?

Lembro de responder:

— Eu preciso me sentar.

Depois disso, veio outro susto: eu não tinha mais nada. Nenhum vestido.

Nenhuma fralda. Nenhum enxoval esperando por ela.

A ligação foi numa terça-feira.

No dia seguinte, conhecemos nossa filha.

Já tínhamos escolhido um nome.

Ao vê-la, mantivemos o primeiro.

O segundo mudou.

Combinava mais com ela.

Nossa Maria viera cheia de luz.

Por isso, precisava ser Clara.

Na sexta-feira da mesma semana, ela estava em casa.

Com sua família.

O desejo ganha matéria

Sua chegada foi celebrada.

A rua inteira se mobilizou.

Conhecidos.

Amigos.

Em dois dias, um escritório se transformou em quarto de bebê.

Havia roupinhas.

Algumas novas.

Poucas.

Outras haviam sido dos irmãos.

Roupas de diversos tamanhos e cores.

Lembro dos itens críticos.

Antes da chegada da nossa filha, informei ao esposo:

— Vou ao supermercado comprar o que falta.

Os itens críticos.

Fraldas.

Mamadeiras.

Fórmula.

Na chegada ao hipermercado, do lado direito, havia uma pequena loja com artigos infantis.

Eu sempre passava por ela.

Olhava através da vitrine e imaginava como poderia ter sido.

O pensamento durava pouco.

Eu o reprimia rapidamente.

Era grata pelos filhos que tinha.

Mas havia uma falta.

Na época, sem nome.

Sem rosto.

Sem corpo.

Para preencher aquele vestidinho.

Naquela sexta-feira, entrei na loja e, altiva, pedi à atendente:

— Moça, por favor. Quero enfeites de cabelo para minha bebê.

Acho que meu sorriso fritou a retina da atendente.

Saí da loja com uma sacola cheia de faixas, presilhas e laços.

Até hoje me pergunto quem fez aquela compra.

A Débora adulta...

Ou a menina gordinha, mãe da Audrey e da...

Ao chegar em casa, deixei de lado a sacola.

Guarda-fraldas.

Shampoo.

Lenço umedecido.

O esposo juntou-se a mim para agilizar o processo.

Foi ele quem encontrou a sacola dos itens críticos.

Espiou.

Puxou uma faixa amarela com um grande girassol.

Levantou os olhos.

Sorriu.

Como se tivesse pego uma criança no meio da arte.

— Esses eram os itens críticos que você precisava comprar?

Fui descoberta.

Sorri de volta.

Não respondi.

Não precisava.

O crime havia sido descoberto.

Nosso pacote de cinco meses chegou.

Em meus braços, apresentamos a casa.

Havia um quadro dos quatro na parede da sala.

Alguém se apressou em dizer a ela que iríamos atualizar aquela fotografia.

Como se houvesse necessidade de justificar alguma coisa ao nosso pequeno pedaço de amor.

Lembro das inúmeras vezes em que me peguei fitando aqueles olhinhos de jabuticabinha.

E, curiosamente, me encontrava ali.

Não apenas a mim.

Ao meu esposo.

Aos meus outros filhos.

Aos meus pais.

Talvez o que eu encontrasse — e ainda encontro — seja o eco do desejo.

Do sonho realizado.

Porque, assim como outros construtos, como feminilidades e masculinidades, a maternidade não se restringe a uma única apresentação.

Tive três filhos.

Eles são diferentes.

Precisei ser uma mãe diferente para cada um deles.

Logo...

Maternidade(s).

Para além da concepção.

Do jeito que vem o filho.

Se foi buscado no hospital.

Ou em uma instituição.

Se é gente.

Se é projeto.

Ou, até mesmo, se tem quatro patas.

Entendo que as maternidades nascem do desejo.

Do olhar que verdadeiramente enxerga o outro.

Neste momento, pego-me com os cantos da boca erguidos.

Epifania.

Meus três filhos têm a inicial M.

Tal qual este manuscrito.

Completamos a equipe de futsal, amor.

Este papel.

Esta caneta.

Estas palavras.

São, puramente, o óvulo e o espermatozoide deste filho que nomeei
Maternidade(s).

